

## Duplo centenário do Guarani

J. Castro MENDES

**NO DIA 19 DE MARÇO DO PRÓXIMO ANO**, o Brasil inteiro estará comemorando o centenário da ópera Guarani, vitorioso trabalho do maestro conterrâneo Antonio Carlos Gomes, aclamado no teatro Scala de Milão, e o mais celebre auditorio da musica lírica no Velho Mundo.

Nesse mesmo ano, a 2 de dezembro, outro centenário marcará a estreia da mesma ópera no Rio de Janeiro onde alcançou extraordinario sucesso, um triunfo ainda maior, pelo calor, pelo delírio que cercou a representação, naquela noite memorável em que se festejava o aniversário natalício do Imperador Pedro II.

Eis o que nos conta Carlos Ferreira, o mavioso poeta de "Rosas loucas", testemunha ocular dos acontecimentos.

"Tres dias antes da récita, a casa estava totalmente vendida — A rua do Ouvidor, durante aqueles tres dias, foi só O Guarani. Chegou a noite de calor horroroso, e o teatro repleto. Na sala, apertava-se o que havia de escol na capital do Império — Nos camarotes, as senhoras mais lindas e mais distintas, e ser linda é ainda ser distinta. Em um camarote, junto á boca do palco, na primeira ordem ao lado de umas damas esplendidas, um homem muito encolhido, com ar notavelmente modesto e doentio, de barbas pretas pálido, olhando como que a custo através de uns óculos de aros de ouro. Para esse homem, convergiam curiosos todos os olhares da platéia enquanto não subia o pano, mas ele nem sequer parecia dar por isso. Era o Conselheiro José de Alencar, festejado autor do celebre romance donde o nosso maestro fizera extrair o libreto para essa ópera que tão luminoso caminho lhe abriu para a posteridade.

Sóbe o pano, estão em cena Lelmi, o tenor, Gaśc, a primadona. Corre o primeiro ato com seis chamadas ao proscênio. Dahi por diante, o triunfo cresce. Chovem ovações, entremeia-se a música com os discursos e a poesia de Luiz Guimarães Junior, e Bitencourt Sampaio.

O palco é um mar de flores. Carlos Gomes aparece na tribuna Imperial, D. Pedro aperta-lhe a mão, e põe-lhe ao peito a comenda da Ordem da Rosa. O público prorrompe em aplausos frenéticos aos dois homens illustres coroados de majestade e talento.

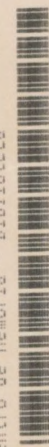
Passa o terceiro ato, vóa o quarto, as aclamações não cessam a Carlos Gomes e José de Alencar, este, procurando no camarote furtar-se ao triunfo.

A cabeleira do Tónico recebe chuva de ouro. Pombos e canarios soltos em sinal de alegria esvoaçam tontos pelo teatro, alguns recolhidos por espectadores mais piedosos.

Dez, vinte, trinta chamadas á cena, e finda a récita Carlos Gomes é conduzido é casa pela multidão, á luz de fógos de bengala, ao estourar de foguetes, á desarmonia de seis bandas de música tocando ao mesmo tempo as marchas mais conhecidas da época.

Era Carlos Gomes, tambem vitorioso em sua Pátria.

Centro de Memoria - Biblioteca



CMUHE010111